

HISTÓRIA DA LITERATURA  
ANTIGA E MODERNA (1812)

## **Conselho Editorial**

Alexandre Mariotto Botton – UNEMAT/Tangará da Serra

Alice Áurea Penteado Martha – UEM/Maringá

Aroldo José Abreu Pinto – UNEMAT/Tangará da Serra

Diana Navas - PUCSP/São Paulo

Diógenes Buenos Aires de Carvalho – UESPI/Teresina

Edgar Roberto Kirchof

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira – Unesp/Assis

João Luís Cardoso Tápias Ceccantini – UNESP/Assis/SP

Marly Amarelha – UFRN/Natal

Rosa Cuba Riche

Sara Reis da Silva - Universidade do Minho/Portugal

Silvana Augusta Barbosa Carrijo – UFG/Catalão

Thiago Alves Valente – UENP/Cornélio Procópio

Valter Henrique de Castro Fritsch – FURG/Rio Grande

Vera Teixeira de Aguiar – PUCRS/Porto Alegre

FRIEDRICH SCHLEGEL

HISTÓRIA DA LITERATURA  
ANTIGA E MODERNA (1812)

Tradução, apresentação e notas  
*Constantino Luz de Medeiros*



MERCADO<sup>®</sup>  
LETRAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Schlegel, Friedrich, 1772-1829

História da literatura antiga e moderna (1812) [livro eletrônico] / Friedrich Schlegel ; tradução, apresentação e notas Constantino Luz de Medeiros. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2022.

Pub

Título original: *Geschichte der alten und neuen*

Literatura

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-661-2

1. Literatura – História e crítica I. Medeiros, Constantino Luz de. II. Título.

22-135504 CDD-809

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura : História e crítica 809

*capa e gerência editorial:* Vanderlei Rotta Gomide

*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras

*revisão final* do tradutor

*bibliotecária:* Inajara Pires de Souza – CRB PR-001652/O

Esta obra está sendo publicada com recursos do Edital de Publicações 2021 da Faculdades de Letras/UFMG para a sua publicação na versão ebook

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**2 0 2 3**

FORMATO DIGITAL

BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98. É proibida sua reprodução ou armazenamento parcial ou total ou transmissão de qualquer meio eletrônico ou qualquer meio existente sem a autorização prévia do Editor. O infrator estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

*Dedico a presente tradução à companheira Rejane, e à minha filha Mariana, cujo calor nos primeiros meses de vida aqueceu meu corpo, inspirando minhas escolhas lexicais.*

São Paulo, abril de 2022.



## SUMÁRIO

*Apresentação:*

*Friedrich Schlegel e o surgimento da historiografia literária moderna*

*Primeira lição*

*Introdução e plano da obra. Influência da literatura sobre a vida e o valor das nações. A poesia dos gregos (dos primórdios à época de Sófocles)*

*Segunda lição*

*A literatura grega tardia. Sofística e filosofia. A época de Alexandria*

*Terceira lição*

*Um olhar sobre o passado. Influência dos gregos sobre os romanos, e esboço da literatura romana*

*Quarta lição*

*Curta duração da literatura romana. Nova época sob Adriano. Influência da maneira oriental de pensar sobre a filosofia ocidental. Os livros de Moisés. Poesia dos Hebreus. Religião dos Persas. Ideia da Bíblia e Caracterização do Antigo Testamento.*

*Quinta lição*

*Monumentos e poemas heroicos hindus. Ritos sepulcrais dos povos antigos. Literatura, modo de pensar e cultura intelectual dos hindus*

*Sexta lição*

*Retrospectiva sobre a Europa. Influência do Cristianismo sobre a língua e a literatura latina. Caracterização do Novo Testamento. Transformações da literatura através dos povos nórdicos. Cantos heroicos dos góticos. Odin. Escrituras rúnicas. Edda*

### *Sétima lição*

*Antiquíssima poesia alemã. Da Idade Média em geral. Origem das línguas modernas europeias. Poesia da Idade Média. Canções trovadorescas. Caracterização dos Normandos e sua influência sobre o espírito da poesia cavalheiresca, principalmente a influência de Carlos Magno*

### *Oitava lição*

*Terceiro círculo de tradições da poesia trovadoresca. Arthur e a Távola Redonda. Influência das Cruzadas e do Oriente sobre a poesia do Ocidente. As canções árabes e o Livro heroico persa de Ferdusi. Última redação da Canção dos Nibelungos. Wolfram von Eschenbach. O verdadeiro significado da arquitetura gótica. A poesia trovadoresca tardia. O Poema del Cid*

### *Nona Lição*

*A literatura italiana. O espírito alegórico da Idade Média. A relação entre o Cristianismo e a poesia. Dante, Petrarca e Boccaccio. Caracterização da poesia italiana em geral. Poetas latinos modernos e a influência prejudicial dos mesmos. A forma de pensar e a política da antiga Roma. Maquiavel. Grandes descobertas do século XV*

### *Décima lição*

*Algumas considerações sobre a literatura dos povos do Norte e do Leste europeu. Sobre a filosofia escolástica e o misticismo alemão na Idade Média*

### *Décima primeira lição*

*Observações gerais sobre a filosofia antes e depois da Reforma. Poesia dos povos católicos espanhóis, portugueses e italianos. Garcilaso, Ercilla, Camões, Tasso, Guarini, Marino e Cervantes*

### *Décima segunda lição*

*Sobre o romance. A poesia dramática dos espanhóis. Spenser, Shakespeare e Milton. O século de Luís XIV e a tragédia francesa*



#### *Décima terceira lição*

*Filosofia do século XVII. Bacon, Hugo Grócio, Descartes, Bossuet, Pascal. Mudança no modo de pensar. Espírito do século XVIII. Descrição do ateísmo francês e do espírito revolucionário*

#### *Décima quarta lição*

*Produções menos graves dos franceses e imitação dos ingleses. Obras literárias da moda na França e Inglaterra. O romance moderno. A prosa de Rousseau e de Buffon. Lamartine. Canções populares da Inglaterra. Walter Scott e Byron. O teatro moderno italiano. A arte crítica e histórica dos ingleses. A filosofia cética e a crença moral. O regresso a uma filosofia mais elevada na França. Bonald e Saint-Martin. Lamennais e o conde de Maistre. William Jones e Burke*

#### *Décima quinta lição*

*Retrospectiva. A filosofia alemã. Espinosa e Leibniz. A língua e a poesia alemãs nos séculos XVI e XVII. Lutero, Hans Sachs, Jakob Böhme. Opitz e a Escola Silesiana. Degeneração do gosto depois da paz de Vestfália. Poetas de ocasião. Poetas alemães da primeira metade do século XVIII. Frederico II. Klopstock. O Messias e a Mitologia nórdica. Poemas cavalheirescos de Wieland. A introdução da antiga métrica poética na língua alemã e defesa da rima. Adelung, Gottsched e o chamado século de ouro. Primeira geração da nova literatura alemã ou o período dos fundadores*

#### *Décima sexta lição*

*anorama do todo. A época dos escritores geniais. Direção da poesia para a natureza, o presente e a realidade viva. A crítica alemã: Lessing e Herder. A visão estética predominante. Lessing enquanto filósofo. A liberdade de pensamento e o Iluminismo. O imperador José II. Caracterização da terceira geração. A filosofia kantiana. Goethe e Schiller. Perspectiva do futuro. Fichte e Tieck. O significado histórico mundial da literatura alemã e o conceito da época atual.*



## Apresentação

### Friedrich Schlegel e o surgimento da historiografia literária moderna

As preleções realizadas por Friedrich Schlegel no ano de 1812 em Viena, e publicadas ao final de 1814 com o título de *Geschichte der alten und neuen Literatur* (História da literatura antiga e moderna) encontram-se entre os documentos fundadores da historiografia literária ocidental. O objetivo principal dessas preleções é realizar um estudo histórico e sistemático sobre a literatura e a cultura europeias. Para tal fim, o crítico empreende uma longa jornada, desde as mais remotas épocas e civilizações da Ásia e do Oriente até o século XVIII europeu, encontrando em toda parte monumentos de indescritível beleza poética. Ao compreender a literatura e outros fenômenos culturais e sociais em seu contexto histórico, Schlegel inaugura uma nova forma de escrita da história da literatura, que se diferenciava das coletâneas de obras literárias de seu tempo em razão do caráter não dogmático de suas proposições, e pela singularidade de sua concepção literária, a qual abarcava obras não apenas do âmbito da literatura, mas da filosofia e da religião. Estudioso incansável das mais diversas culturas e línguas, o filósofo alemão contribuiu de forma decisiva para o estabelecimento da historiografia moderna ao desenvolver um estudo da história da literatura que levava em consideração a particularidade histórica de cada povo, obra, ou período artístico.

Karl Wilhelm Friedrich Schlegel nasceu em Hanover, em março de 1772, em uma família tradicional de protestantes, composta por pastores, juristas, funcionários públicos, historiadores, poetas e críticos de literatura, cuja atuação em diversos âmbitos da vida pública remontava ao século XVII (Behler, 1967, p. 24). O irmão, August Wilhelm Schlegel [1767-1745], poeta, tradutor, crítico e filólogo, foi um dos pioneiros na Alemanha no estudo do sânscrito, conhecido igualmente por suas traduções de

Shakespeare para o alemão. O pai dos românticos, Johann Adolf Schlegel [1721-1793], professor de teologia, pastor e superintendente de Hanover, traduziu para o alemão a obra de Charles Batteux [1713-1780], *As belas-artes reduzidas a um mesmo princípio* (1746), enquanto o tio de Schlegel, Johann Elias Schlegel [1719-1749] foi um grande dramaturgo e crítico da primeira metade do século XVIII.

Famoso por sua participação no primeiro romantismo alemão, grupo ao qual pertenceram, além de seu irmão August Wilhelm, Friedrich von Hardenberg, o Novalis [1772-1801], Ludwig Tieck [1773-1853], Caroline Böhmer [1763-1809], Friedrich Joseph Schelling [1775-1854], Dorothea Veit [1764-1839], Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher [1768-1834], entre outros, Schlegel é considerado por muitos estudiosos como um dos primeiros críticos de literatura na acepção moderna do termo. As caracterizações (*Charakteristiken*), espécie de ensaios crítico-literários e filosóficos que ele e seu irmão August Wilhelm publicaram fizeram época na história da literatura.

Os anos de formação de Schlegel ocorreram em uma época em que a Europa passava por profundas transformações sociais, históricas, políticas e culturais. Nesse contexto, na esteira do pensamento histórico de autores como Giambattista Vico [1668-1744] ou Johann Gottfried Herder [1744-1803], os quais postulavam a importância do reconhecimento da singularidade histórica dos fenômenos artísticos, assim como o entendimento científico da própria história, o crítico buscou em sua *História da literatura antiga e moderna* não apenas catalogar e classificar as obras, mas compreender os aspectos intrínsecos e extrínsecos relacionados aos fenômenos literários, observando a obra literária enquanto sistema que envolve múltiplas variantes.

Schlegel foi um dos primeiros teóricos a postular a relação entre autor, obra e público, a verificar a coexistência (assim como a questão da influência) de uma geração sobre outra. O filósofo também se insere entre aqueles que primeiro pensaram as formas literárias em relação ao conteúdo histórico-social de um tempo. Assim como Hegel em suas preleções so-

bre a *Estética*, realizadas a partir de 1818, e publicadas postumamente em 1835, o pensador postulava a necessidade de se observar que a epopeia, a tragédia e a comédia somente poderiam ter existido diante daquela sociedade e tempo histórico nos quais surgiram.

Mas o desafio que a *História da literatura antiga e moderna* coloca a seu autor é o de encontrar uma solução para a antinomia entre duas concepções de mundo e de cultura. Enquanto a época grega representava o momento em que o espírito e o mundo se manifestavam na arte enquanto totalidade e unidade, a arte dos modernos se apresentava como uma aproximação infinita a um ideal jamais realizável, de modo que a grande questão era a de como harmonizar esses aspectos de sua filosofia da história, encontrando um meio de superar as contradições da antinomia entre antigos e modernos.

A *História da literatura antiga e moderna* é também um documento *sui generis* por demonstrar que a literatura naquela época era concebida de um modo mais amplo, como conjunto de textos literários, filosóficos, políticos, religiosos, e mesmo de áreas de disciplinas ainda em sua gênese, como a geografia, a sociologia e a antropologia. Essa amplitude de textos e autores, de temas e questões faz da *História* de Schlegel um documento único em seu gênero, por isso sua importância para a área de estudos literários e para as Humanidades em geral. Essas preleções que deram origem à presente obra foram realizadas perante um público consideravelmente grande, composto por autoridades e membros de diversas famílias nobres da época. Nas anotações deixadas em seu diário, o barão de Eichendorff, Joseph Freiherr von Eichendorff [1788-1857] descreve com detalhes o ambiente das preleções sobre a literatura antiga e moderna:

[...] Schlegel estava vestido todo de preto, atrás de um pódio, lendo, recostado em uma pequena mesa; um público admirável se encontrava reunido; na frente, um círculo de damas, a princesa de Liechtenstein com suas princesas, no total 39 príncipes; o salão era aquecido com

uma madeira cujo aroma era agradável; atrás do salão estava uma quantidade enorme de acessórios, como em um baile. (Curtius 1950, p. 89)

Como foi dito, entre os fundamentos de sua concepção historiográfica encontra-se a distinção histórica entre as épocas da literatura. Esse método historiográfico seria definido por Peter Szondi como uma dialética histórica que envolve três períodos: “a experiência da completude e perfeição na Antiguidade, o sofrimento reflexivo e a falta de objetividade dos modernos, e a esperança no reino vindouro de Deus” (Szondi 1978, p. 11). Assim, seu pensamento historiográfico está intimamente relacionado a sua concepção singular da poesia romântica, universal e progressiva, enquanto forma de exteriorização literária futura, portanto em devir, mas como concretização de uma perfeição outrora alcançada.

A questão da confluência entre a formação do espírito de um povo e sua história literária é parte integrante de sua filosofia da história. Com isso, o crítico desejava evitar as classificações estanques, as quais dividiam as épocas da literatura através de características retiradas de anais históricos e estudos superficiais. De acordo com Ernst Behler (1958: 283), entre as obras históricas que possivelmente o influenciaram em sua busca pelo estabelecimento de uma história da literatura europeia, além naturalmente da *História da arte da Antiguidade*, de Johann Joachim Winckelmann, (1764), encontra-se a *History of Greece* (1784-1818), de William Mitford [744-1827], assim como a obra do historiador francês Jean-Jacques Barthélemy [1716-1795].

As preleções sobre história da literatura de Viena se caracterizam pelo desejo do crítico em estabelecer a singularidade do fenômeno literário por meio de seu próprio desenvolvimento histórico. O estudo minucioso das características culturais das épocas da poesia e dos povos contribui para compreender não apenas os aspectos históricos expostos artisticamente, mas também revela nuances do *Zeitgeist* espelhado na obra de arte literária. A busca pela aproximação entre a história, a teoria e a crítica é um traço característico do pensamento de Schlegel, pois, o crítico acreditava que, “sem

conhecimento histórico não seria possível compreender a teoria, e a visão da literatura seria incompleta e ininteligível” (Schlegel 1958, p. 11). Abordando a problemática da metodologia a ser utilizada em suas conferências, o filósofo afirma que o método histórico não exclui a discussão teórica sobre as obras literárias, ao contrário, um método auxilia o outro na necessária visão do todo. Sem o auxílio da discussão filosófica sobre as épocas e povos, e sem a visão histórica das mesmas, a compreensão da arte literária seria limitada:

[...] O método histórico pode conter também o método filosófico, pois, a exposição histórica não será prejudicada quando o que foi exposto historicamente sobre as principais épocas for discutido filosoficamente, já que todo acontecimento notável tem como consequência uma reflexão filosófica. Soma-se a isso o fato de que a exposição histórica da literatura além de ser mais diversificada, universal e inteligível, não é apenas um instrumento de estudo, mas uma parte integrante da própria história. Enquanto história crítica e característica de todos os documentos do espírito humano ela [a exposição histórica da literatura] é parte integrante da história [...] Ela nos mostra o espírito da humanidade de todos os tempos e nações, o resultado de sua atuação, assim como suas ideias e inclinações. Através do conhecimento da literatura de um povo conhecemos seu espírito, sua atitude política, seu modo de pensar, e o nível de sua formação, ou seja, conhecemos a verdadeira essência de seu ser, conseguindo, assim, obter uma caracterização que procuraria-mos em vão em outra parte. (Schlegel 1958, p. 12)

Assim, a história literária seria incompleta sem o conhecimento dos aspectos culturais, sociais, etc., assim como a própria exposição histórica não poderia prescindir de um conhecimento aprofundado sobre a alma do povo, inclusive de sua literatura, já que “o espírito poético e filosófico de uma época se encontram em relação recíproca” (Schlegel 1958, p. 13). Como resultado dessa visão da história da literatura, a análise histórico-literária de Schlegel é sempre precedida de um panorama sócio-históri-

co, através do qual o crítico discute o tipo de estado político, os aspectos econômicos, as exteriorizações religiosas, os mitos e ritos particulares, e outros elementos que possam contribuir para o conhecimento aprofundado da cultura do povo.

O método de estabelecimento da história da literatura proposto pelo crítico pode ser dividido em três momentos. No primeiro momento, denominado de histórico ou geográfico-sincrônico, são analisados todos os aspectos extrínsecos da narrativa; no segundo momento são investigados e discutidos os detalhes linguísticos, estilísticos, filológicos e etimológicos, o crítico chama esse momento de filológico-crítico, e um terceiro momento, onde ocorre oajuizamento poético da obra, e no qual o crítico procura sintetizar os momentos anteriores, e realizar uma espécie de análise comparativa entre obras diferentes (algo semelhante ao método utilizado em suas caracterizações crítico-literárias).

Em seu esforço por determinar a especificidade dos fenômenos literários em seu tempo histórico, o filósofo alemão se coloca em uma linha de pensamento à qual pertencem Johann Joachim Winckelmann e Herder, filósofos cuja contribuição para a historicização dos gêneros poéticos seria igualmente assimilada por Hegel e pelo primeiro romantismo alemão. A *História da literatura antiga e moderna* é um documento singular da formação da historiografia literária ocidental. Também por essa razão, se pode compreender a sentença de Ernst Robert Curtius de que, “no que concerne a ciência da literatura europeia, nós temos Friedrich Schlegel” (Curtius 1996, p. 48).